

Macabéa

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

ENTRE TEMPEROS E SABORES: O LÉXICO EM CENA NA OBRA TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA, DE JORGE AMADO



AMONG SPICES AND FLAVORS: THE LEXICON IN SCENE IN TEREZA BATISTA: HOME FROM THE WARS, BY JORGE AMADO

ELIAS DE SOUZA SANTOS
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA,
Brasil

RITA DE CÁSSIA RIBEIRO DE QUEIROZ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA,
Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 27/04/2019 • APROVADO EM 02/06/2019

Abstract

The lexicon represents, from the linguistic levels, that which is the most extralinguistic one, due to its dynamic character which is constantly renewed incorporating new elements as it meets the social-historical-cultural aspirations of societies. New words arise and others get old-fashioned since they no longer represent the innovative flows that pierce the several areas of human knowledge. Thus writers in their fictional works bring to light words that may now be considered neologisms, sometimes they may be archaisms,

sometimes they reflect the cultural identity of the people who is portrayed in their works. This way, Jorge Amado, a Bahian writer who was born in 1912 and died in 2001, brings to the forefront lexical elements of the gastronomic universe incorporated in the work *Tereza Batista: Home from the Wars*, here taken as corpus of analysis. We have brought to the scene the lexis concerning spices and flavors studied from Eugenio Coseriu's postulates standpoint (1977) regarding the organization of vocabulary in lexical fields.

Resumo

O léxico representa, dos níveis linguísticos, aquele que é o mais extralinguístico, haja vista seu caráter dinâmico, o qual se renova constantemente, incorporando novos elementos à medida que atende aos anseios sócio-histórico-culturais das sociedades. Novas palavras surgem e outras caem em desuso, pois já não dão conta de representarem os fluxos inovadores que permeiam as diversas áreas do conhecimento humano. Deste modo, os escritores, em suas obras de ficção, trazem a lume palavras que ora podem ser consideradas neologismos, ora podem ser arcaísmos, ora são o reflexo da identidade cultural do povo retratado. Assim, Jorge Amado, escritor baiano nascido em 1912 e falecido em 2001, traz à tona elementos lexicais do universo gastronômico, incorporados na obra *Tereza Batista cansada de guerra*, aqui tomada como corpus de análise. Trouxemos para a cena as lexis dos campos temperos e sabores, estudadas sob a ótica dos postulados de Eugenio Coseriu (1977) quanto à organização do vocabulário em campos léxicos.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Lexicon. Lexical fields. Gastronomy. *Tereza Batista: Home from the Wars*. Jorge Amado.

PALAVRAS CHAVE: Léxico. Campos lexicais. Gastronomia. *Tereza Batista cansada de guerra*. Jorge Amado.

Texto integral

PRELIMINARES

Estudar o léxico de uma língua não é tarefa das mais fáceis, haja vista seu caráter dinâmico e aberto, o qual traduz as manifestações linguísticas, históricas e culturais de uma determinada sociedade. Deste modo, o léxico é o espelho que reflete as realidades de mundo, sendo descortinados os modos de vida, as práticas sociais, as tradições, os valores, a cultura.

Diante do exposto, objetivamos estudar o vocabulário de cozinha presente na obra *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado, enveredando pelas práticas sociais, pelos modos de vida, pela cultura, pelas tradições, pelos valores de uma dada comunidade, bem como apreender os próprios intentos autorais na seleção das lexis que integram o patrimônio lexical da língua portuguesa. Nas páginas do romance, transparece um vocabulário que é a fotografia sociocultural

da maneira como os seus personagens veem e nomeiam a realidade que os circundam. É isso que interessa no presente texto, apresentar a estruturação desse vocabulário sob a égide dos postulados teórico-metodológicos cunhados por Eugênio Coseriu em sua *Lexemática*.



A REPRESENTAÇÃO DA CULINÁRIA EM *TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA*, DE JORGE AMADO

Tomamos como *corpus* para empreendermos uma análise dos campos lexicais a obra do escritor baiano Jorge Amado, *Tereza Batista cansada de guerra*, cuja primeira edição data de 1972, mas a edição para estudo é a décima quinta, de 1981.

No romance *Tereza Batista cansada de guerra*, Jorge Amado conta a história de uma mulher de personalidade forte, que luta pela sobrevivência a todo custo. Desde a infância Tereza Batista luta contra a pobreza e a falta de liberdade. Órfã de pai e mãe, foi vendida pela tia Felipa para o Capitão Justiniano Duarte da Rosa, conhecido como Capitão Justo, que a transforma em escrava sexual após tê-la estuprado. Tereza se apaixona por Daniel, cujo romance é descoberto pelo Capitão. Defendendo-se, acaba por matá-lo. Abandonada pelo amante, é presa e libertada por Emiliano Guedes, um usineiro rico e seu admirador, com quem viverá uma relação fraternal, mas que não dura muito tempo, pois aquele morre. Foi mandada para um convento, fugindo de lá sob a orientação da cafetina Gabi. Vai para Sergipe. Ciente de sua condição de mulher, usa das armas que possui: poder de sedução e sensualidade, a fim de marcar sua presença em um mundo tão opressor. No entanto, Amado ([1972] 1981), retomando um pouco a questão social, imprime à personagem o caráter solidário, quando coloca Tereza como líder da campanha contra a varíola no interior de Sergipe. Em Aracaju, Tereza conhece o pescador Januário Gereba, baiano, por quem se apaixonou e com quem viveu uma linda história de amor. Mas Gereba era casado e não podia seguir com Tereza, voltando para a Bahia sozinho. Com a partida de Januário Gereba, Tereza passa por muitos infortúnios, saindo de Sergipe e indo para Salvador a procura de seu amor. Nesta localidade, lidera um movimento de prostitutas, a “greve do balaio fechado”. Em Salvador, conhece outro homem com quem decide se casar, mas Januário Gereba a encontra e os dois seguem juntos para a realização do sonho de amor. Tereza Batista, com seu espírito de inconformismo, da mulher que recusa sua condição de fragilidade, que não aceita ser objeto, que luta por autonomia, aquela que não desiste de brigar, mesmo cansada de guerra, figura entre as grandes protagonistas de Jorge Amado. A personagem ganhou tanta fama internacional que desde 1977, o Clube Feminista Italiano, cuja sede se encontra em Milão, é chamado de “Casa de Tereza Batista”.

O romance *Tereza Batista cansada de guerra* foi adaptado para televisão, em 1992, foi publicado em Portugal e traduzido para mais de dez línguas.

No romance, o escritor não trata apenas da questão da luta de Tereza para vencer a pobreza, ser vendida pela tia para um capitão, a prostituição, as doenças, mas também a gastronomia, elemento forte em outros romances, como *Dona flor e*

seus dois maridos e Gabriela, cravo e canela. A gastronomia, portanto, traduz a identidade de um povo, seus modos de manipular os alimentos e como os apresenta para degustação. Deste modo, tomamos os temperos e os sabores como objeto de análise na perspectiva dos campos lexicais.

O LÉXICO DE COZINHA: LÍNGUA, CULTURA E ALIMENTAÇÃO

Os indivíduos, ao nomearem seres e objetos, os qualificam concomitantemente. Deste modo, “[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (BIDERMAN, 1998, p.11).

É *mister* registrar que:

[...] desde o princípio de nossa história, tivemos a necessidade de nomear o mundo que nos circunda, [...] dar nomes a tudo o que está a nossa volta, como plantas, animais, instrumentos de trabalho, entre tantas outras coisas (MURAKAWA; NADIN, 2013, p. 8).

Como podemos verificar, os indivíduos caracterizam e nomeiam as coisas que os rodeiam, registrando-as e vinculando-as à cultura. Para Matoré (1953), o léxico das línguas naturais reflete as ideias e os pensamentos dos homens. Contudo, o léxico é um sistema que possui uma organização interna bastante complexa, em que seus elementos se associam e relacionam entre si, abrangendo a forma e o significado.

O léxico de uma língua mantém uma estreita relação com a história cultural da comunidade, refletindo os modos de vida, as maneiras como seus integrantes apreendem a realidade e a forma como se organizam no mundo, bem como permite sistematizar os vários aspectos do conhecimento. Assim, Biderman (1981, p.138) assevera que:

[...] o léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado.

Estudar o léxico, para Abbade (2006, p.213), “[...] é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias [...]”. De tal modo e de maneira mais abrangente, é o:

Saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo vocabular de um grupo sócio-

lingüístico-cultural. Na medida em que configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p.8).

Dito de outra forma, o léxico designa o componente linguístico por meio do qual os membros de uma comunidade se comunicam. Ou seja, é o conjunto de formas léxicas que os falantes armazenam em seu cérebro e que lhes permite acessar informações referentes ao universo linguístico-cultural, visto ser esse o elemento responsável para que os indivíduos apreendam e organizem simbolicamente a realidade que os rodeiam.

Em prol disso, o léxico é o aparato da língua que conserva a intrínseca relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o léxico sintetiza a maneira como um grupo vê a realidade que o cerca e a forma como vê e designa as coisas. Para tanto, ao recortar fatos da realidade, o léxico também define eventos de cultura.

Não obstante, a alimentação é uma atividade cultural, regada de crenças, distinções, cerimônias e tabus. Cada povo se caracteriza por suas práticas alimentares. Face a isto, comemos de acordo com as normas sociais.

No que concerne à alimentação, os alimentos também se diferem de cultura para cultura, bem como as variações nos modos de cultivar, colher, preparar, servir e ingerir. Para Fischer (1988, p.276), “Os alimentos representam a ligação mais primitiva entre natureza e cultura, fazendo parte da raiz que liga um povo, uma comunidade ou grupo à sua terra e à alma de sua história”.

A alimentação humana é o resultado de um ato social e cultural, onde a escolha e o consumo colocam em jogo uma série de fatores que se conectam a uma rede de rituais, representações e simbolismos. Ela identifica a cultura de uma comunidade e evidencia essa realidade nas maneiras particulares de como são preparados os alimentos, nos hábitos de consumo, nos ingredientes que são usados na elaboração dos pratos, na escolha dos condimentos, nas preferências alimentares, etc.

Ela faz parte da constituição de nossa identidade cultural, assinalando o que é permitido ou não ingerir, o tipo de comida que possui prestígio social, o que podemos recusar ou aceitar, se está saboroso ou não. Essas são umas das infinitas possibilidades que a cultura nos concede enquanto reafirmação identitária.

Comer é muito mais que um simples ato de ingerir alimentos, este ato possui um sentido simbólico. Cozinhar, por sua vez, é uma ação sociocultural que nos conecta à história, ao que projetamos, cremos e produzimos. Assim, podemos elucidar que a comida designa um arcabouço de fatores culturais peculiares de uma determinada comunidade.

A função social da alimentação é regada de uma significativa representatividade, pois o homem revestiu sua organicidade em sociabilidade. Com base nesse ponto de vista, Cascudo (1983) afirma que:

De todos os atos naturais o alimentar-se foi o único que o homem cercou de cerimonial e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político, aparato de alta etiqueta. Compreendeu-lhe a significação vitalizadora e fê-la uma função simbólica de fraternidade, um rito de iniciação para a convivência, para a confiança na continuidade dos contatos (CASCUDO, 1983, p.42).

Como sabemos, a alimentação está agregada a simbologias (dietéticas, religiosas), sobremaneira, estamos sempre procurando formas de utilizar os alimentos como elemento de sociabilidade, como nos assevera Fernández-Armesto (2004):

Estamos sempre descobrindo meios de utilizar o alimento socialmente: para formar laços com os semelhantes, que comem as mesmas coisas; para nos diferenciar dos estranhos que ignoram nossos tabus alimentares; para nos reconstruir; dar novas formas a nossos corpos, refazer nossos relacionamentos com as pessoas, com a natureza, com os deuses (FERNÁNDEZ-ARRESTO, 2004, p.94).

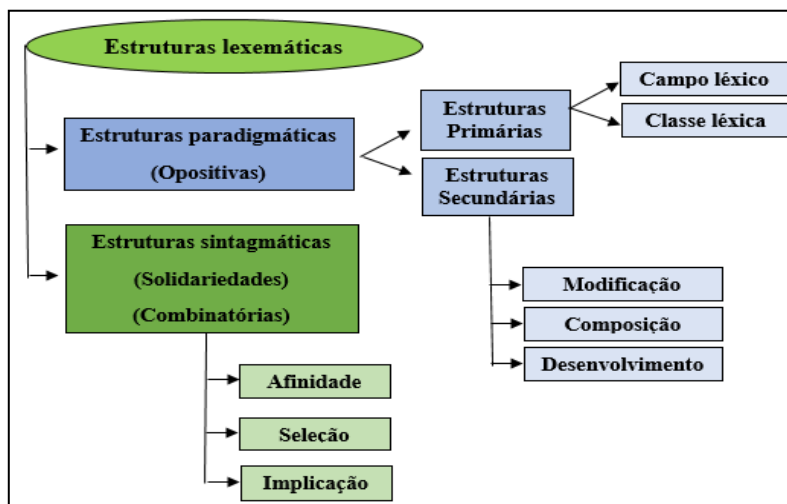
Ainda em relação à questão, é fácil reconhecer nossos vizinhos e nos reconhecemos a partir do que comemos, pois em se tratando de matéria de cozinha somos altamente conservadores, quando exaltamos pratos de nossa culinária materna ou de nosso país de origem, por exemplo, tudo isso acontece porque nossa capacidade de associações cognitivas são altamente surpreendentes e que nos levam ao estranhamento com o diferente.

O comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e à nossa identidade social, e isso parece valer para todos os seres humanos. Reagimos aos hábitos alimentares de outras pessoas, quem quer que sejam elas, da mesma forma que elas reagem aos nossos (MINTZ, 2001, p.31).

As três citações apresentadas nos fazem refletir que cada pessoa possui em si um sistema alimentício como meio de comunicação individual e social, o que torna o alimento um fato da cultura, uma expressão do que os homens fazem, pensam e sabem. Deste modo, as práticas culinárias constituem uma linguagem que expressa a identidade, a religião, os costumes, os hábitos, etc., dos indivíduos que estão inseridos na tríplice sócio-linguagem-cultural.

A partir da análise de conteúdo, Coseriu (1977) distingue cinco tipos de estruturas lexemáticas (Figura 1) e as rotula em sintagmáticas (orientadas por relações combinatórias e paradigmáticas (centradas nas relações de oposições).

Figura 1: Estruturas lexemáticas



Fonte: COSERIU, E. *Semántica, gramática, universales*. Madrid: Gredos, 1977.

Elaboração e tradução: Elias de Souza Santos, 2017

Como podemos observar na figura 1, os campos léxicos fazem parte das estruturas paradigmáticas primárias, ou melhor dizendo, os campos léxicos seriam estruturas léxicas em que seus elementos constituintes tomariam um assentado lugar, formando um sistema de oposições com os lexemas restantes. Ademais, os lexemas que compõem o campo léxico são primários, em que nada têm a ver com as estruturas secundárias, lugar onde são produzidos novos lexemas, partindo, precisamente, a partir do vocabulário (lexemas) primário.

Segundo Coseriu (1987, p.170), um campo léxico é “[...] una estructura paradigmática constituída por unidades léxicas que se reparten en una zona de significación continua común y que se encuentran en oposición inmediata unas con las otras”¹. Essa zona de significação comum é o “valor de campo”. No campo os lexemas se opõem entre si por diferenças mínimas de conteúdo. Os campos permitem vários níveis de estruturação, no sentido de que um campo de determinado nível pode ser incluído como unidade em um campo de nível superior.

Por conseguinte, Coseriu (1987) elabora uma série de pressupostos teórico-metodológicos em sua lexemática e que, na opinião de Geckeler (1984), ele foi o que melhor contribuiu para o aprimoramento da teoria do campo léxico, oferecendo um método estruturado que permitiu a legitimação desse tipo de investigação na linguística. Continua,

Uno de los mayores defectos de toda la labor realizada hasta ahora con campos léxicos está en la falta de un método, de una técnica lingüística con procedimientos lingüísticos. Puesto que no existe ningún método de campo bien elaborado, las investigaciones se han movido fundamentalmente sobre bases intuitivas. Por tanto, para que la teoría del campo sea definitivamente legitimada en lingüística, necesita de un método. La creación de un método tal constituye desde hace años el propósito de E. Coseriu en el marco de sus esfuerzos por crear una semántica estructural² (GECKLER, 1984, p. 211-212).

Arocha (2014), ao tratar do método funcional lexemático, afirma que:

La metodología de la lexemática coseriana se basa fundamentalmente en la introducción de rasgos distintivos funcionales (análogos a los fonológicos) en la noción de campo léxico de Trier/Wiesgerber, así como en la fijación de los tipos de oposiciones (privativa, equipolente y gradual) que se detectan entre los miembros del campo. Asimismo, se centra en la jerarquización de las unidades de acuerdo a su saturación sémica – esto es, de acuerdo al conjunto y naturaleza de los rasgos que estas presentan – y en la determinación de los tipos de relaciones combinatorias posibles entre las unidades, ya sea en el interior de los campos como entre ellos³ (AROCHA, 2014, p. 29).

Por fim, vale reiterarmos que Coseriu (1977) foi o que melhor sistematizou os estudos do campo léxico, propondo um aparato teórico-metodológico relevante, pois permite oferecer uma visão mais ampliada das significações das palavras, antes “[...] limitada à disposição alfabética dos dicionários” (BARREIROS, 2016, p.175).

TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA: O CAMPO LEXICAL DE COZINHA

ESPECIARIAS

ENTRADA LEXICAL	VARIAÇÕES GRÁFICAS	INFORMAÇÃO GRAMATICAL
CRAVO	N.E ⁴	Substantivo masculino
Etimologia: DHP ⁵ : De origem incerta. ‘A flor do craveiro, planta glauca, de caule reto, da família das cariofiláceas’.		
Acepções dicionarizadas: DHP ⁶ : Usado como condimento. NADLP ⁷ : Condimento.		
Contexto: Nos pratos fundos, o mungunzá de colher, a mistura do milho e do coco, da canela e do <i>cravo</i> . (TBCG ⁸ , 1981, p. 26).		

ENTRADA LEXICAL	VARIAÇÕES GRÁFICAS	INFORMAÇÃO GRAMATICAL
CANELA	N.E	Substantivo feminino
Etimologia: DELP: Do antigo francês canele (hoje <i>cannelle</i>), derivado do italiano <i>cannella</i> , diminutivo do latim <i>canna</i> .		
Acepções dicionarizadas: DHLP: Usada como condimento. NADLP: Se usa como especiaria.		
Contexto: Nos pratos fundos, o mungunzá de colher, a mistura do milho e do coco, da <i>canela</i> e do cravo. (TBCG, 1981, p. 26).		

ENTRADA LEXICAL	VARIAÇÕES GRÁFICAS	INFORMAÇÃO GRAMATICAL
GENGIBRE	N.E	Substantivo masculino
Etimologia: DELP: Do latim <i>zingiber -eris</i> , derivado do grego <i>Ziggíberis</i> .		
Acepções dicionarizadas: DHLP: Usado como tempero. NADLP: Medicinal.		
Contexto: Com ela Tereza aprendeu a medir o sal e a misturar temperos, a perceber o ponto exato do cozimento, as regras do açúcar e do azeite, o valor do coco, da pimenta, do <i>gingibre</i> (TBCG, 1981, p. 224).		

BULBOS

ENTRADA LEXICAL	VARIAÇÕES GRÁFICAS	INFORMAÇÃO GRAMATICAL
ALHO	N.E	Substantivo masculino
Etimologia: DELP: Do latim al(l)ium. Século XIII. Da família das liliáceas.		
Acepções dicionarizadas: DHLP: Usado como condimento. NADLP: Empregado como condimento.		
Contexto: “[...] tudo rimas em ica, <i>alho</i> , êta, oda, já vê o nobre vereador as palavras nele usadas” (TBCG, 1981, p. 241).		

CEREAIS

ENTRADA LEXICAL	VARIAÇÕES GRÁFICAS	INFORMAÇÃO GRAMATICAL
AMENDOIM	N.E	Substantivo masculino
Etimologia: DELP: Do tupi <i>manu'ui</i> . 1584. Nome de diversas plantas da família das leguminosas.		
Acepções dicionarizadas: DHLP: Usado na alimentação humana. NADLP: Empregado na alimentação humana.		
Contexto:		

“[...] cachorro-quente, batida de limão, **amendoim**, maracujá e tangerina, doces inúmeros [...]” (TBCG, 1981, p. 257).

560

ENTRADA LEXICAL	VARIAÇÕES GRÁFICAS	INFORMAÇÃO GRAMATICAL
ARROZ	N.E	Substantivo masculino
Etimologia: DELP: Do árabe <i>ar-ruzz</i> . Século XVII. Planta da família das gramíneas.		
Acepções dicionarizadas: DHLP: Dieta básica de grande parte da população mundial. NADLP: Importante base alimentícia humana e animal.		
Contexto: Ao lado do saveirista, Tereza come com a mão — há quantos anos não come assim, amassando a comida nos dedos, um bolo de peixe, arroz e farinha, ensopando-o no molho? (TBCG, 1981, p. 35).		

O fecho: apenas a entrada para um banquete

Conhecer o léxico, analisar como se forma o vocabulário de um autor através de seu texto literário, consente “[...] o conhecimento do processo de comunicação utilizado pelos usuários de uma língua em sua interação social, sendo nesta que se reconhece o dinamismo do léxico e, por conseguinte, da própria língua em uso (QUEIROZ, 2012, p. 1031)”. Desse dinamismo, podemos inferir que o léxico é a fotografia sociocultural de um povo.

Levando as premissas apresentadas no parágrafo anterior, e atentando-nos para o fato de que o escritor Jorge Amado era usuário da língua portuguesa, podemos concluir que ele, ao escrever o romance *Tereza Batista cansada de guerra*, possibilitou aos leitores uma infinidade de descobertas a respeito dos modos de vida social, tais como a prostituição, as doenças, mas também a gastronomia, elemento forte em outros romances de Jorge Amado.

Destarte, a análise do universo gastronômico presente no romance *Tereza Batista cansada de guerra*, permitiu o conhecimento de algumas lexias referentes a temperos e sabores que vão além do acervo lexical da língua portuguesa. O estudo da história das palavras nos revela as relações entre língua e cultura, pois, através do léxico, podemos validar as marcas socioculturais de um determinado grupo transmitidas pelos homens geração à geração.

Notas

¹ “[...] uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que se repartem numa zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras”.

² Um dos maiores defeitos de todo o trabalho realizado até agora com campos léxicos está na falta de um método, de uma técnica linguística com procedimentos linguísticos. Posto que não existe nenhum método de campo bem elaborado, as investigações têm se movido fundamentalmente sobre bases intuitivas. Portanto, para que a teoria do campo seja

definitivamente legitimada em linguística, necessita de um método. A criação de tal método já se constitui desde anos com o propósito de E. Coseriu no marco de seus esforços por criar uma semântica estrutural.

³ A metodologia da lexemática coseriana se baseia fundamentalmente na introdução de traços distintivos funcionais (análogos aos fonológicos) na noção de campo léxico de Trier/Wiesgerber, assim como na fixação dos tipos de oposição (privativa, equipolente e gradual) que se detectam entre os membros do campo. Da mesma forma, se centra na hierarquização das unidades de acordo com sua saturação sêmica – isto é, de acordo com o conjunto e natureza dos traços que estas apresentam – e na determinação dos tipos de relações possíveis entre as unidades, seja no interior dos campos como entre eles.

⁴ Não encontrado.

⁵ Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.

⁶ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

⁷ Novo Aurélio Dicionário da Língua Portuguesa.

⁸ Tereza Batista Cansada de Guerra.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O Estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p.213-225.

AMADO, Jorge. **Tereza Batista Cansada de Guerra**. Digitalização: Argo_3_nauta, 1981.

AROCHA, Hernández Héctor. **Las familias de palabras: relaciones entre morfología, semántica y estructura argumental en los verba dicendi “decir” y “sagen”**. Berlin/Boston: Degruyter, 2014.

BARREIROS, Liliane Lemos Santana. **Bahia humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

BIDERMAN, Maria Tereza. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998. p. 11-20.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **História da alimentação no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1983.

COSERIU, E. Introducción al estudio estructural del léxico. In: COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1991 [1977].

COSERIU, E. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1986 [1977].

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Comida: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Positivo, 2004.

FISCHLER, C. Food, Self and Identity. **Social Sciences Information**, v. 27, n.2, p. 92- 275, jun. 1988.

GECKLER, Host. **Semántica estructural y teoria del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1971.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MATORÉ, Georges. **La methode en lexicologie**. Paris: Didier, 1953.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 47, n.16, p.31-41, 2001.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Org.). **Terminologia: uma ciência interdisciplinar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande-MS: Ed. UFMG, 1998.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. O vocabulário regional de Jorge Amado em Terras do sem fim. **Cadernos do Cnlf**, Rio de Janeiro, v. XVI, n. 04, p.1024-1030, 2012.

Para citar este artigo

SANTOS, E. de S.; QUEIROZ, R. de C. R. de.. Entre temperos e sabores: O léxico em cena na obra Tereza Batista Cansada De Guerra, de Jorge Amado. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 551-562.

Os Autores

Elias de Souza Santos é Doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Estadual de Feira de Santana, Mestre em Estudos linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Especialista em Educação e Estudos Filológicos pela Faculdade Regional de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (FAC), Graduado em Letras Vernáculas, Licenciatura, com Habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Campus XXIII, Seabra-BA.

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz possui Pós-doutorado em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2016-2017). Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (2002) pela Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Letras e Linguística (1995) pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Graduada em Letras Vernáculas (1989). Professora Nível Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana. É professora permanente do Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos (2010-).